



Ansiedade

Reflexão

Liberdade Poética

Filosofia da Ciência

Lea: "Professor... você tem um minuto? Eu tive uma viagem aqui."

Prof. NEP: "Diga, o que foi? Sua voz parece... atravessada."

Lea: "Estava pensando; eu não sei se é uma ideia, exatamente. É mais... uma sensação que foi se tornando pensamento ao longo do tempo. Acho que começou lá atrás, no mestrado. Mas só agora fez sentido inteiro."

Prof. NEP: "Gosto dessas ideias que demoram. Costumam ter raiz. Me conta."

Lea: "Tem chovido muito aqui. Muito mesmo. E todo mundo fala como se fosse um infortúnio, acaso, um excesso. Como se fosse um evento fora da curva. Mas eu fiquei pensando... e se não for excesso?"

Prof. NEP: "Continua ... "

Lea: "Retorno."

Prof. NEP: "Retorno de quê?"

Lea: "De tudo que a gente foi empurrando para debaixo do concreto. A cidade, rígida, orgulhosa do próprio concreto, acredita na própria solidez como quem acredita numa promessa. Mas o concreto não absorve... ele devolve. E então tudo deságua. Derrama. Desce.."

Prof. NEP: "Você está falando de drenagem urbana ou de outra coisa?"

Lea: "Acho que algo mais profundo. E, ao mesmo tempo, dos dois. Ou de algo no meio. Porque não é só a infraestrutura que falha. É uma lógica inteira."

Prof. NEP: "Que lógica?"

Lea: "Uma lógica muito... pequena. Umbilical, quase. As pessoas olham para a chuva como se fosse um problema só daqui, só de agora, só delas. Como se o mundo começasse na calçada e terminasse no portão."

Prof. NEP: "E isso te incomoda?"

Lea diz: "Muito. Porque é uma percepção que impede de ver o todo. Fica todo mundo se perguntando: "Por que está chovendo tanto aqui?" e ninguém enxerga o que vem sendo feito, muito menos pergunta o que vai acontecer ao redor. Por que se choveu muito aqui? Onde irá faltar?"

Prof. NEP: "Você está falando de clima, de uma escala maior?"

Lea: "Também. Mas não só isso. Estou falando de arrogância mesmo. De um certo egocentrismo... como se a realidade tivesse de fazer sentido na nossa lógica de força, de poder e de sucesso. É um mergulho por uma sociedade tão firme, tão certa de si... que não percebe quando começa a ceder e escorregar, aos poucos... na *inconvalescência* das águas."



Prof. NEP: “*Inconvalescência?*”

Lea: “Nem sei bem se pode ser usado assim. Mas a ideia é como se não fosse só a água. Como se fosse tudo. Uma espécie de recuperação torta... Um rearranjo forçado. Uma ressaca das escolhas que a gente chamou de progresso. Afinal, a água não adoce..., mas talvez revele o que já estava em colapso.”

Prof. NEP: “Isso é quente!”

Lea: “Eu acho que não. Acho que a chuva não é o problema. Mas a arrogância de achar que ela é isolada... isso, sim, impede a gente de enxergar o motivo real. Um acúmulo. De escolhas, de negações, de distanciamento. A gente foi se colocando fora do sistema... e agora estranha quando o sistema responde.”

Prof. NEP: “Interessante...”

Lea: “A gente ainda se coloca no centro. Como se o mundo fosse o centro. Como se a água fosse um problema externo. Mas o mundo é a extensão do próprio corpo.”

Prof. NEP: “Você está sugerindo que ...?”

Lea fala sobre a fala do Prof. NEP, como de costume...

Lea: “Isso mesmo: nós somos parte do mesmo sistema e não controlamos o fluxo... e, mesmo assim, insistimos em nos colocar fora dele.”

Prof. NEP: “Isso não é exatamente novo na ciência.”

Silêncio!

Lea diz: “O que eu quero dizer é que, mesmo sem a gente nomear, a água fala, professor. O tempo inteiro. Mas ouvir... exige que a gente admita que não controla o fluxo. Talvez o problema nunca tenha sido a chuva.”

Prof. NEP: “Você está acompanhando o seu raciocínio?”

Lea: “Eu acho que sim. A nossa obsessão por conter o que só existe, o que acaba por fluir fora do nosso controle. É um problema de escuta. Porque a água não reconhece hierarquia. Ela atravessa. Ela ocupa. Ela encontra caminho onde não deveria existir caminho.”

Prof. NEP: “hm...e fala? Qual é a sua teoria?”

Lea: “E se a gente fosse menos muro e mais passagem... talvez a água não precisasse forçar passagem. Quanto mais a gente ignora... quanto mais a gente impermeabiliza... mais violento se torna o retorno.”

Prof. NEP: “E... você acha que nós escutamos?”

Léa diz: “Não. Porque talvez escutar exigisse admitir o óbvio: a gente não controla o fluxo. E assim a água insiste, tenta de novo. E de novo. E de novo. Até que já não seja mais possível chamar de acaso.”

Prof. NEP: “Então o problema nunca foi a chuva?”

Lea diz: “Sim! E enquanto nós não aprendemos a ser menos muro e mais passagem... menos barreira e mais corpo permeável... a água vai continuar mostrando.”

Prof. NEP: “Mostrando o quê?”

Lea: “O que a gente insiste em não ver.”



Prof. NEP: “Por escolha?”

Lea: “Não. Porque essa sempre foi a linguagem dela. E quando não escutam, Ela aumenta o tom.”

Prof. NEP: “Você sabe que isso dá uma tese?”

Lea: “Sério mesmo? Achei que era só um devaneio de quem escolheu cuidar da casa.”

Prof. NEP: “Não. Isso é raiz.”

Lea: “Como um frondoso e ramificado Jequitibá.”

Prof. NEP: muda completamente de postura. Estava encostado no espaldar da cadeira. Aproxima-se da mesa e faz uma armação característica: apoia os cotovelos na mesa, fica de lado para Lea e encosta os dedos da mão esquerda nos dedos da mão direita, como se construísse um círculo.

Lea: “Cresceu devagar. Fundo. Sem pressa. Mas agora... está inteiro.”

Prof. NEP: “Gostei dessa prosa ... será que é possível calcular a quantidade de água que já passou por um Jequitibá em toda a sua vida?”

Lea: “Entendi ...”

Bem mais tarde, Lea já estava cuidando da filha e conversando com o marido, o Prof. NEP apagou as luzes da sua sala, encostou a porta, deu alguns passos para sair do laboratório. Parou em frente ao quadro de vidro e leu ...

A pergunta que fica não é nova, mas insiste: se choveu tanto aqui, vai faltar onde? Onde está a água? A gente olha e vê o excesso. Mas talvez não seja excesso. Talvez seja retorno. A cidade, rígida, orgulhosa do seu concreto, acredita na própria solidez como quem acredita numa promessa. Mas o concreto não absorve, ele devolve. E então tudo deságua. Derrama. Desce. Uma viagem por uma sociedade tão firme, tão certa de si, que não percebe quando começa a ceder, escorrendo, aos poucos, na convalescência das águas. Como se não fosse só a água. Como se fosse tudo. Uma espécie de recuperação torta, um rearranjo forçado, uma ressaca das escolhas que a gente chamou de progresso. A água não adocece. Mas, talvez revele o que já estava em colapso. E ainda assim, a gente se mantém no centro de tudo. Importante. Superior. Como se o mundo não fosse extensão do próprio corpo. Mas a água não reconhece hierarquia. Ela atravessa. Ela ocupa. Ela encontra caminho onde não deveria existir caminho. E fala o tempo inteiro. Só que escutar exigiria admitir o óbvio: a gente não controla o fluxo. A minha teoria é simples, mas incômoda: quanto mais a gente ignora, quanto mais a gente impermeabiliza, mais violento se torna o retorno. Porque não é reação. É insistência. A água tenta de novo. E de novo. E de novo. Até que já não seja mais possível chamar de acaso. Talvez o problema nunca tenha sido a chuva. Talvez seja a nossa obsessão por conter o que só existe para passar. Enquanto a gente não aprender a ser menos muro e mais passagem, menos barreira e mais corpo permeável, a água vai continuar o seu movimento. Não por escolha. Mas porque essa sempre foi a linguagem dela. E, quando necessário, ela eleva o tom.

